



ISSN 1984-5634

ENTRE A HISTÓRIA E OS ARQUIVOS: POSSIBILIDADES E USOS DOS ACERVOS ARQUIVÍSTICOS E O QUE ELES NOS DIZEM

Between History and the Archives: possibilities and uses of archival collections and what they tell us

LUISA PADUA ZANON¹

RESUMO

O presente artigo empreende uma análise dos arquivos e as correlações desses com a construção de uma dada narrativa histórica. Nesse emaranhado, busca-se evidenciar como eles se portam como *locus* de poder - cumprindo um dado propósito cultural e político. Em paralelo à argumentação de Arlette Farge (2009), que consagra os arquivos como um grande oceano, procura-se aqui mergulhar nesses espaços e destacar as suas possibilidades e limites para o trabalho historiográfico. Ao delimitar o peso da linguagem e das formas de coleta de documentos, busca-se pensar como as sociedades produzem e veiculam suas ideias, valendo-se dos acervos arquivísticos como mecanismos para o trato social. Por fim, tem-se o esforço de empreender uma análise dos impressos dentro dos arquivos e sobre como tais materiais oferecem uma janela para se pensar a história e as sociedades em sua pluralidade.

PALAVRAS-CHAVE: história; arquivos; impressos.

ABSTRACT

This article moves to an analysis of the archives and their correlations with the construction of a given historical narrative. In this tangle, we seek to show how they behave as a locus of power - fulfilling a given cultural and political purpose. In parallel to Arlette Farge's (2009) assertive about the archives like a great ocean, this article seeks to delve into these spaces and highlight their possibilities and limits for historiographical work. By delimiting the weight of language and forms of document collection, a space is opened to think about how societies produce and disseminate their ideas, using archival collections as mechanisms for social interaction. Finally, there is an effort to undertake an analysis of the printed material within these spaces and on how such materials offer a window to think about history and societies in their plurality.

KEYWORDS: history; archives; print materials.

EDITORA-CHEFE:

Elisa Schneider Venzon

EDITOR-GERENTE:

Leandro Ferreira Souza

SUBMETIDO: 24/06/2022

ACEITO: 15/08/2023

COMO CITAR:

ZANON, L. P. Entre a história e os Arquivos: possibilidades e usos dos acervos arquivísticos e o que eles nos dizem. *Aedos*, Porto Alegre, v. 16, n. 37, p. 357-370, jun.-set. 2024.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

¹ Mestranda em História na Linha História e Culturas Políticas, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Orcid: 0000-0001-5506-048X. E-mail: luisa.pzanon@gmail.com

O LEVE RASTEJO PELA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA

A construção da história foi margeada, no decurso do tempo por uma série de empreendimentos e esforços em busca da delimitação do campo e dos seus objetos de estudo. A historiografia, nesse sentido, incorporada de métodos e teorias, buscou atribuir sentido ao passado e aos restos ali dispostos. É dentro desse quadro, portanto, que uma atenção foi direcionada às fontes e às possíveis interpretações que delas são possíveis de se aferir, mobilizando pesquisas e uma atenção pormenorizada à preservação dos documentos. Desse modo, o presente texto busca compreender o papel dos arquivos na construção do trabalho histórico, direcionando um olhar especial aos impressos enquanto objetos inseridos dentro desses espaços. Face a esse processo, objetiva-se pensar ainda as particularidades que envolvem a construção de acervos e os sujeitos que ali se imbricam. Assim, ao pensar nesses espaços arquivísticos busca-se analisar e tensionar em que medida esses locais externalizam escolhas e lógicas de poder, imbricando-se à uma ação humana no tempo. Nessa perspectiva, há uma intenção de se entender como os impressos se alocam como frutíferas fontes capazes de direcionar novas aberturas para a análise e o trato de realidades passadas, revelando, por sua vez, detalhes que vão além de fontes tradicionalmente exploradas. Para tanto, expõem-se ainda uma coleção de impressos em específico tendo em vista o empreendimento de traçar a existência desses arquivos e a significativa importância de tais espaços, assim como de seus corpos documentais.

Ao partir desse ponto, é importante destacar que o próprio documento, enquanto um elemento desbravado na pesquisa histórica, exige um trabalho de seleção, recorte e manuseio por parte do historiador. Nesse sentido, a fonte não se encontra disposta no tempo e espaço com uma interpretação já dada e fixada. Ao contrário, o trabalho de lidar com o documento parte de uma tarefa que se encontra alinhada ao olhar e às expectativas do sujeito que o analisa. Desse modo, conforme a argumentação de Ciro Flamarion Cardoso (2017) em sua obra *Narrativa, Sentido, História*, a construção e a análise histórica se enrijecem mediante o estabelecimento de questionamentos feitos por aquele que observa e estuda a fonte. Nesse caso, é a partir dessas condições espaciais e temporais, portanto, que a análise documental se reveste de significado e sentido. Em consonância, Michel de Certeau (2017) debruçou-se em torno dessa altercação ao passo em que também instigou um refletir acerca da necessidade de se *situar* a escrita da história e de se pensar os seus aspectos operacionais. Assim, pode-se elencar como cada tempo suscita e mobiliza questões diferentes, abrindo espaços para novas discussões e fermentando novos campos de estudo. Dito isso, fica nítido, pois, o papel do tempo presente no acesso e compreensão das experiências passadas, sendo a própria história, por sua vez, “a grande responsável por dar “*status* e elaboração à massa documental de que ela não se separa” (FOUCAULT, 2008, p. 08).

Contudo, a discussão que se esboça no presente artigo desloca-se a pensar como se dá a criação dos arquivos e a escolha dos objetos a serem preservados ou retidos para os estudos por parte dos historiadores. Desse modo, abre-se questionamentos relativos a como a história - ou melhor, os historiadores - escolhem um dado aporte documental para servir de fonte de análise. Ou ainda, como se constroem esses espaços destinados a proteção desse conjunto de bens. Partindo desses tensionamentos, a própria historiografia e o seu desenvolvimento permitem traçar um processo no qual o trato da história se remodelou e se coadunou às questões que foram levantadas mediante cada época. No caso, sublinha-se aqui como a seleção e a ampliação do leque de fontes foi alargado após a Escola dos Annales e em como isso impactou na própria construção da *práxis* e da disciplina histórica (CARDOSO, 1983; LOPES, 2008). Foi somente graças a tais ideias, que, posteriormente, a história - enquanto uma ferramenta e um objeto de uso político-social - debruçou-se sobre as micro histórias, as identidades, a manifestação do poder, as relações de gênero-raça, as subjetividades, as configurações linguísticas, o discurso, os símbolos, a escrita, as emoções, a literatura, as sociabilidades, as crenças, a música, a dança, a memória, a alimentação, a cultura e outros objetos. Nesse processo, foi direcionado não só um olhar para o contexto e os códigos vigentes, mas também para o papel dos sujeitos nessas construções (CARDOSO, 2005).

Nesse leque, sublinha-se uma atenção que foi deslocada para os arquivos de modo a repensar como o processo de composição dos acervos implicariam em escolhas e procedimentos seletivos. A partir das guinadas linguísticas, subjetivas e da Nova História Política tem-se, por sua vez, um maior enfoque em torno dos debates em relação à cultura, à linguagem e ao papel dos documentos, remodelando, assim, como as formas de acesso à palavra, à leitura e à circulação de ideias também são importantes elementos a serem analisados no delinear da pesquisa histórica. Nessa ótica, para além de reflexões sobre a materialidade a dimensão textual, abriu-se um frutífero espaço para se refletir sobre as possibilidades e usos dos arquivos. Sendo a própria fonte algo que é fruto de um empreendimento protagonizado por sujeitos, práticas e ações culturais, destaca-se, por meio dessas novas apreensões, sobre como os arquivos detêm uma certa particularidade e podem auxiliar a elucidar, por sua vez, aspectos relativos à sociedade, aos saberes, aos métodos e aos processos culturais (ALMADA, 2020).

MERGULHANDO NOS ARQUIVOS

No processo de construção de uma dada narrativa histórica há que se pensar, a princípio, em como o historiador percorre determinados caminhos metodológicos e abre espaço para amplificar certas vozes e atribuir sentido ao passado. Esse empreendimento, por sua vez, exige um cuidado no trato com os vestígios e fragmentos de realidades já vivenciadas; isto é, há a necessidade de um rigor e uma atenção para o acesso, a compreensão e a escrita dessas realidades passadas. Nesse percalço, salienta-se como os arquivos cumpririam um *locus* central para o depósito e o

alcance de certos documentos que permitiram a construção de um trabalho narrativo pelos historiadores. Como um complexo técnico que engloba uma série de *práxis* e métodos, os arquivos possuem ainda uma série de regras, funções e funcionários, ressonando na imagem de um grande oceano - o qual, em sua imensidão, possibilitaria o afogar ou o mergulhar em outras realidades por meio de seus documentos (FARGE, 2009).

Ao versar sobre a sua própria etimologia, com raízes na palavra *Arkhê*, do grego *arché*, delimita-se como o arquivo interliga-se, a princípio, com as concepções de “origem” - denotando um “começo”. No entanto, a dualidade de seu significado se estende ainda para uma outra ideia a qual ele transmite: a de “comando”. Assim, os arquivos seriam ligados desde o início à uma escrita, uma administração e uma burocracia - que se alinham, por sua vez, à uma definição de “ordem” e “autoridade”. Desse modo, tais espaços retornam à noção de “comando”, sendo “também o princípio da lei *ali* onde os homens e os deuses *comandam*, *ali onde* se exerce a autoridade, a ordem social, *nesse* lugar a partir do qual a *ordem* é dada - princípio nomológico” (DERRIDA, 2001, p. 11, *grifos* originais).

Inicialmente em uma casa e um endereço específico, o arquivo seria, portanto, a residência dos magistrados - os *arcontes*. Por elas, poder-se-ia comandar algo ou proteger e guardar documentos - depositando-os de forma segura e evocando por meio deles uma certa lei (ASSMANN, 2011). No entanto, essa escolha de preservação não se deu ao acaso. No entrecruzo desse local de *suporte* e de *autoridade*, jazia ainda critérios para se selecionar o que viria a ser mantido ou não. É nessa chave, pois, que Durval Albuquerque (2013) explanou sobre como os arquivos comportariam uma dada “raridade”, sendo propriamente locais para se acumular e guardar objetos tidos como raros ou especiais. Nessa lógica, tais espaços seriam fruto de um processo de acumulação de itens os quais documentariam resquícios das experimentações dos sujeitos ao longo do tempo e que mereceriam tal proteção graças a sua relevância social.

Apesar disso, cabe se perguntar quais os limites e possibilidades diante do acesso e trato dos arquivos. Margeados pelo seu hermetismo, eles fornecem, portanto, expressivos espaços para se refletir e debater acerca dos seus usos e apreensões para a construção de uma determinada história no decurso do tempo. Desse modo, no que concerne às suas oportunidades, o arquivo seria, portanto, um fecundo recinto para se lidar com documentos dos mais variados tipos - a exemplo da presença de fotografias, mapas, manuscritos ou impressos que poderiam vir a ser parte de sua reserva. Em meio a eles tem-se, então, o acesso a uma parcela do passado e a possibilidade de engendrar, a partir dela, uma dada narrativa. Nesse caso, sendo a própria história uma instauradora de signos e algo que se faz a partir do relacionamento de dados, o arquivo forneceria um local de tensões - abrindo espaço para reflexões e ponderações.

Partindo dessa perspectiva, os arquivos encaixar-se-iam ainda como lugares de armazenamento, revestidos de um sistema próprio e de uma combinação de grupos, técnicas, locais e práticas. Ao envolverem um trabalho, tradições e regras constituem-se como um *espaço vivo* - coadunado às pessoas que ali estão atuando e à época em que se situam. Desse modo, reforça-se aí uma significativa singularidade dos arquivos, isto é, a possibilidade de se recontar a história face a mobilização de questionamentos, afetos e dúvidas. Como processo vivo, poder-se-ia elencar a quantidade de fontes que os arquivos recebem - haja vista que isso é um trabalho contínuo e infinito. Afinal, o arquivo nunca esgota sua função de cada vez, mais e mais, receber documentos. Em paralelo, como local de pesquisa, mantém-se ativo por sempre receber pesquisadores e fomentar novos temas, estudos e descobertas. E, como recintos inacabados, eles envolvem sempre um processo de construção - exigindo catalogações, seleções e observações. Ou seja, o próprio arquivo é um produtor de *semióforos*, na medida em que não só apreende documentos, mas também o produz (POMIAN, 1984). Assim, o que chega nos acervos recobre-se sempre de um outro sentido, servindo de chave de leitura para a construção de uma determinada pesquisa ou análise historiográfica.

Expostos ao olhar, os arquivos exprimem ainda uma dimensão subjetiva que se exala por meio do trato de seus documentos. Por meio do processo de manuseio e acesso às fontes, tem-se o contato com objetos de outro tempo e a externalização, em torno deles, de anseios e afetos. Nessa apreensiva, pode-se dizer que os arquivos acabam por mobilizar emoções e sentimentos, à medida que são apreendidos por sujeitos e retidos por reações que vão desde o fascínio e carinho até a indignação e a raiva. Desse modo, é no confisco individual de cada fonte por um indivíduo que se tem a conexão entre a fonte e o pesquisador - instigando uma pesquisa que vai além da questão racional de análise historiográfica. A exemplo, Albuquerque (2013) cita sobre como a “emoção, a imaginação, o desejo também ali estiveram presentes e foram convocados e afetados por nossos *corpus* documentais” (Idem, p. 13).

Em similitude, os arquivos possibilitariam o reconhecimento de outras formas de se acessar e escrever a história, que podem, por sua vez, evidenciar produções diversas e plurais que abarcariam os mais diferentes locais e tempos (SETH, 2013). Nesse sentido, os arquivos possibilitariam uma multiplicidade de pesquisas e fontes que poderiam ser lidas a partir de diferentes óticas - indo além de uma historiografia calcada outrora em categorias e modos específicos de se pensar, ler, selecionar e escrever sobre a cultura, o tempo e a história (DASTON, 2017)². Desse modo, ao tornar o passado legível por meio dos resquícios arquivísticos, abre-se, por meio deles, a expectativa para se pensar outras formas de apreensão de experiências passadas e de

² Ideia de que no processo de construção da história e da disciplina histórica, teve-se um rigor e um método específico de se apreender a cultura e pensar o tempo histórico (vide a ideia linear de “passado - presente - futuro” e a concepção de um “progresso” nas sociedades). Assim, a modernidade ofereceu um vocabulário político e modos de se escrever a história que foram incorporados naturalmente e reincidiram em modos de tratar a ciência.

atribuição de sentido a essas realidades já vividas. Assim, ampliam-se as chances de se realçar uma dimensão criativa ao ofício do historiador, revelando um gesto poético de apreensão e análise do passado através dos próprios arquivos.

NO MEIO DO OCEANO: O CUIDADO COM OS ARQUIVOS

Todo esse trato arquivístico também faz necessário um pensar sobre o local da história e os limites desses espaços para a construção de um dado conhecimento histórico. Ao considerar que o trabalho historiográfico se assenta em uma *grafia*, a qual envolve escolhas e esforços humanos, delimita-se também como toda pesquisa se articula a um dado local de produção e implica em uma operação calcada em regras (JABLONKA, 2020). O próprio conhecimento científico nessa abordagem revelar-se-ia como uma construção - e não como um bloco dado (DE CERTEAU, 2017). Desse modo, os espaços dos arquivos também esbarram em problemáticas relativas às regras, manipulações e narrativas que eles possibilitam contar. Ou seja, “ele torna possíveis certas pesquisas em função de conjunturas e problemáticas comuns. Mas torna outras impossíveis” (Idem, p. 77). Assim, a própria leitura dos arquivos não pode ser isenta de um olhar crítico e de uma atenção para as suas disposições, interesses e projetos.

Nesse ponto, destrincha-se aí o primeiro cuidado com os arquivos. Eles veiculam um dado discurso e se assentam em um determinado propósito. Por um lado, imersos em uma dualidade, eles permitem uma infinidade de pesquisas por meio da multiplicidade de perguntas que podem ser direcionadas as suas fontes. Por outro, também estão limitados a uma dada narrativa, haja vista que eles não dão conta de armazenar e expor tudo. Sendo os seus próprios documentos recortes de um dado passado, o arquivo acaba por limitar, em si mesmo, o seu trabalho. Em igual medida, essa leitura de documentos que deles é feita também não é destituída de uma historicidade - de modo que a apreensão desses objetos retidos nos arquivos também é variável conforme tempo, espaço e sujeitos envolvidos. Desse modo, “o essencial é, portanto, compreender como os mesmos textos - sob formas impressas possivelmente diferentes - podem ser diversamente aprendidos, manipulados, compreendidos” (CHARTIER, 1991, p. 181). Consequentemente, os arquivos não podem ser entendidos como construções naturalizadas, mas sim como processos nos quais se tem um empreendimento social e político por trás.

Por conseguinte, deve-se ter em mente que os próprios objetos chegam ao presente impregnados de significados por aqueles que o adquiriram (BARBOSA, 2021). Desse modo, para além da preocupação com o “*como*” se conta determinada história, tem-se ainda a necessidade de decodificação e decifração dos documentos entendendo que eles são reinvestidos de sentidos por sujeitos específicos situados no tempo. Ou seja, conforme externalizado por Durval de Albuquerque (2013), o documento só tem fundamento em sua relação com o outro. Nesse processo, é

Entre a história e os Arquivos: possibilidades e usos dos acervos arquivísticos e o que eles nos dizem imprescindível, pois, se atentar para o fato de que a maior parte dessas fontes não foi construída com o intuito de ser desvelada no futuro, mas sim, com outra funcionalidade. Dessa forma, o próprio arquivo acaba por manter uma intrínseca relação com o real, sendo lido e manuseado por indivíduos no presente. Por conta disso, ele “não é somente um repositório para documentos do passado, mas também um lugar onde o passado é construído e produzido” (ASSMANN, 2011, p. 25).

Nessa fabricação do documento em fonte histórica; ou melhor, dessa transformação de “restos” em objetos históricos, sublinha-se também um outro imbróglio do trato dos arquivos: a sua capacidade de silenciamento. Afinal, os documentos também silenciam e o próprio acervo arquivístico não dá conta de explanar sobre tudo o que já se passou. Nessa infinitude e incompletude dos arquivos, jaz, por sua vez, a sua seletividade por determinadas histórias e as ínfimas formas de violência que delas emanam. Isso no que lhe concerne, faz retomar a própria argumentação de Saidiya Hartman (2020) ao trabalhar com os silenciamentos e opressões que os arquivos são responsáveis por embalsar e reforçar. Assim, o arquivo é ambíguo e dotado de uma responsabilidade, na medida em que traz à tona milhares de vestígios, mas, ao mesmo tempo, conduz à solidão (FARGE, 2009).

Nesse jogo de “reserva” e “falta”, evidencia-se, pois, as vicissitudes do arquivo e a sua clara relação com o poder. Ao criar novas vozes, personagens e narrativas, os arquivos agem como espaços institucionais e resguardados por uma dada autoridade - o que implica em dizer que eles também se sedimentam dentro de um campo ideológico e de disputas (BOURDIEU, 2007). Mais do que isso, conforme já ilustrado por Jacques Derrida (2001), esse local de autoridade nos arquivos seria relegado, sobretudo, ao Estado. Ou seja, a condição do chamado *arconte* revelar-se-ia na figura de agentes políticos - que detêm o controle sobre quais narrativas poderiam ser veiculadas ou não. Nesse processo, que não é inocente, consagra-se, portanto, o peso discursivo que emana dos acervos arquivísticos - que exprimem determinadas histórias e se aliam a determinado escopo político.

Portadores de uma linguagem própria, o arquivo remete ainda à uma relação de poder - no qual se visualiza uma clara política daquilo que se escolhe ou não passível de ser guardado nesses espaços. Por conta disso, o passado morto se faz vivo por meio de uma linguagem, sendo ainda capaz de se salientar ou excluir certas narrativas dele. Não por acaso, Hartman (2020) dá seguimento a sua obra *Vênus em dois atos* e expõe sobre como “o arquivo, nesse caso, é uma sentença de morte, um túmulo, uma exibição do corpo violado, um inventário de propriedade” (Idem, p. 15). Nessa perspectiva, o arquivo é, antes de tudo, uma memória da dominação, da posse e do controle político do poder, de tal forma que “não há poder político sem o controle sobre os arquivos, sem o controle sobre a memória” (ASSMANN, 2011, p. 368). Desse modo, um dos limites da construção de narrativas históricas a partir dos arquivos recai justamente no local social e político que eles ocupam na sociedade. Em um entrelaçamento entre presente, passado e futuro, os acervos arquivísticos

instituem, portanto, uma determinada memória, vinculando-se também à uma questão ética. Assim, há uma violência de arquivo que institui e conserva uma dada narrativa em detrimento de outras, fazendo necessário, pois, um trabalho de se debruçar sobre as capacidades e limitações desses locais.

Em um permanente diálogo com a realidade sociocultural, os arquivos acabam, por sua vez, produzindo um contraponto entre os chamados “lixos” e “obras” a serem preservadas. Ao atribuir valor ao que deve ser ou não mantido, tais espaços produzem, portanto, “sobras” - que não se enquadram nas narrativas históricas. Assim, “fora dos arquivos os bens circulam e o lixo se acumula” (Idem, p. 26). Desse modo, um cuidado essencial a tais locais estende-se à necessidade de uma leitura cuidadosa de suas fontes - ao passo em que se entende que elas detêm uma historicidade e limitações. Nesse empreendimento hermenêutico e de manuseio dos objetos e textos, externaliza-se, pois, aquilo que Hartman (2020) aloca como essencial no trato dos arquivos: a atitude de ir “com” e “contra” eles.

A vista disso, delimita-se como o arquivo abre um leque de possibilidades a serem exploradas, mas funciona também como uma “sentença de morte” - que fecha janelas para determinadas vozes, temporalidades e sujeitos. Assim, apesar de ser um local o qual os historiadores têm à disposição para o acesso e o trabalho historiográfico, os arquivos são também um objeto de denúncia - que sublinham certas violências e escolhas no decurso do tempo. Dessa forma, esse discernimento no trato dos seus documentos é fundamental - para então, a partir disso, dar curso a um processo de luta por justiça e reparação - capazes de esbarrarem nas pluralidades de narrativas históricas.

E OS IMPRESSOS? A BUSCA DOS TEXTOS NOS ESPAÇOS ARQUIVÍSTICOS

Ao se expor sobre os limites e possibilidades do arquivo, tensiona-se aqui como certas experiências muitas vezes não chegam de fato aos acervos, assim como muitas das leituras produzidas dentro desses espaços devem ser recobertas de uma atenção e de um cuidado historiográfico. Desse modo, uma outra questão passível de análise no presente texto, desloca-se para uma reflexão sobre as potencialidades das reservas arquivísticas para o trato da história. Nesse prisma, evidencia-se um local central aos impressos, sobretudo aqueles tidos como “efêmeros” e “baratos” - de tal forma a alocá-los como peças chaves para a construção de determinadas narrativas.

A princípio, a primeira questão a ser alavancada refere-se ao papel de tais fontes para o trabalho do historiador. Apesar do valor atribuído a livros e textos produzidos após a invenção da prensa, muitos dos enfoques em torno da chamada “literatura de rua” revelou-se pormenorizado ou relegado a um trabalho no âmbito mais literário (MEGIANI, 2019). No caso, retidos pelo seu caráter mais efêmero, esses textos possuiriam uma rápida produção, com baixo custo, linguajar mais fácil e um amplo público (SHEPARD, 1973; SPUFFORD, 1981). A vista disso, delimita-se como, por meio

Entre a história e os Arquivos: possibilidades e usos dos acervos arquivísticos e o que eles nos dizem deles, seria possível um apreender acerca das relações da prensa, bem como da circulação de ideários e discursos para uma ampla parcela social (LIEBEL, 2017).



Figura 1. Frontispício do impresso produzido por John Taylor no século XVII. **Fonte:** John Taylor, Londres (1647).

No entanto, conforme exposto, nem sempre esses objetos foram alvos dos arquivos ou dos trabalhos historiográficos. Somente a partir do final do século XX, com o desenvolvimento de uma “Nova História Cultural” - distinta das outras formas de análise do passado - é que se encontra uma dedicação ao estudo de expressões culturais outrora negligenciadas pela historiografia tradicional dominante. Com uma afeição pelo plural, pelas massas anônimas, pela vida cotidiana e pelas singularidades que abarcavam as vivências humanas, essa perspectiva historiográfica destinou um novo *locus* para as produções impressas e referenciadas como “efêmeras” ou “baratas” (VAINFAS, 1997). Ao se atentar para as identidades coletivas e os variados sujeitos em uma comunidade, o enfoque sobre a cultura abriu ainda um espaço para se investigar novos objetos - ampliando o leque de fontes e suscitando novas questões sobre os documentos historicizáveis e os espaços arquivísticos (SOIHET, 2013). Assim, cultura passou a ser algo retido por sua pluralidade; um elemento a ser interpretado - relativo aos sujeitos, à história e aos ângulos materiais e mentais (CARDOSO, 2005).

Mais do que isso, como algo flexível e marcado pela abrangência de uma rede de significados, a cultura foi um objeto foco de atenção dos historiadores. Como um produto humano - construído no tempo e delineado pelas particularidades de cada grupo - ela funcionou como um dispositivo e instrumento de análise histórica, revestindo-se de uma historicidade e uma íntima relação com as disposições sociais de cada tempo (GEERTZ, 2015). É a partir dessa perspectiva, portanto, que se verifica um direcionamento em torno das linguagens e dos textos, sobretudo, em uma tentativa de

entender como se deu as produções culturais no âmbito dos escritos - para além de um refletir sobre “o que” e “como” os sujeitos estavam externalizando e verbalizando os seus anseios.

Ainda em um nexus com a própria antropologia, depreende-se como o olhar para essas produções culturais se portou como um expressivo caminho para a construção de novas possibilidades no trabalho historiográfico - evidenciando um complexo corpo no qual se incluíam as crenças, a arte, a moral, as leis, os hábitos e os costumes. Nesse viés, aponta-se para como essa a análise dos textos oriundos da prensa em compasso com a reflexão cultural também instigou em um ponderar sobre as “formas simbólicas, por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes acerca da vida” (BURKE, 2014, p. 51). Sendo os próprios textos, frutos de um dado escopo cultural, pode-se tensionar, como uma produção histórica carrega consigo valores, *práxis*, saberes e modos de ser - destrinchando-se em simbologias e subjetividades capazes de decodificar uma dada realidade social (PESAVENTO, 2006).

Por conseguinte, ao depreender que a linguagem enuncia, demarca, outorga e repercute ideias, tal avaliação dos impressos efêmeros demonstrou-se essencial. Afinal, é pela linguagem e pela leitura, segundo Jean Goulemot (2001), que se atribui sentidos e significados ao mundo e às realidades sociais. Nesse enfoque, versa-se sobre como os impressos - enquanto objetos de fonte histórica - além de exprimirem as condições históricas de sua determinada época, também comportavam laços com a política, economia, religião, sociedade e cultura. Assim, entendidos como elementos culturais, a reflexão acerca da produção impressa e dos agentes envolvidos nesse processo ampliou as chances para se pensar a análise conteudista do próprio texto e o repertório imagético por eles veiculados. Nessa articulação entre cultura e produção escrita, refletir-se-ia sobre os usos dos impressos no campo burocrático-administrativo, místico-religioso, comunicativo, cultural e simbólico (CHARTIER, 2002).

Desse modo, a ideia de “cultura material e impressa” surge como uma importante chave de análise para se pensar o complexo e dinâmico repertório no qual os homens são capazes de produzir, destruir, consumir e fazer circular (MENESES, 2011). Assim, o texto impresso aloca-se como algo indissociável das ações dos sujeitos - o que implica considerá-lo como “um elemento material da cultura” - criado por uma dada dimensão cultural e capaz de nela mesma atuar. Pensar isso faz considerar também a relação dos suportes, do local físico e da segurança ou resguardo dos documentos, elementos intrínsecos à vivência arquivística.

A partir desse quadro, sublinha como exemplo a *Wellcome Collections*. Por meio de suas coleções, pode-se acessar uma gama de materiais oriundos da prensa, assim como um expressivo aporte das produções culturais da Inglaterra Moderna. Com atenção espacial para um de seus conglomerados documentais, a EEBO (*Early English Books Online*), evidencia-se por ela a presença de uma quantidade de textos que pôde ser preservada, protegida e acessada no decurso do tempo

Entre a história e os Arquivos: possibilidades e usos dos acervos arquivísticos e o que eles nos dizem por meio de trabalhos arquivísticos. Localizado em Londres, com materiais digitalizados e de amplo acesso, os impressos da EEBO são fornecidos hoje para o público por meio de uma parceria da *ProQuest*, da Universidade de Michigan e de Oxford. Em seus mais de 25.000 títulos, a coleção funciona, portanto, como um *locus* central para a visualização de impressos produzidos ao longo dos anos de 1473 a 1700, comportando ainda uma série de compilados como a *Wing's Short-Title Catalogue (1641-1700)*, a *Thomason Tracts (1640-1661) collection* e a *Early English Books Tract Supplement* (LIMA, 2014).

Com enfoque aqui para os textos brevemente mencionados, explana-se sobre como tal acervo permite o acesso aos mais diversos excertos - retidos nas formas de panfletos, baladas, *single-sheets* ou *chapbooks*. Consagrados como materiais oriundos da prensa, eles demarcam claramente o papel da palavra dentro de um dado campo social e as múltiplas produções culturais de uma dada sociedade (MARTIN, 2008). Por meio do trato desses documentos torna-se possível, pois, uma ampliação da análise historiográfica e uma visualização sobre como os sermões, as denúncias, as críticas e as notícias eram reportadas e impressas (SUHR, 2011).

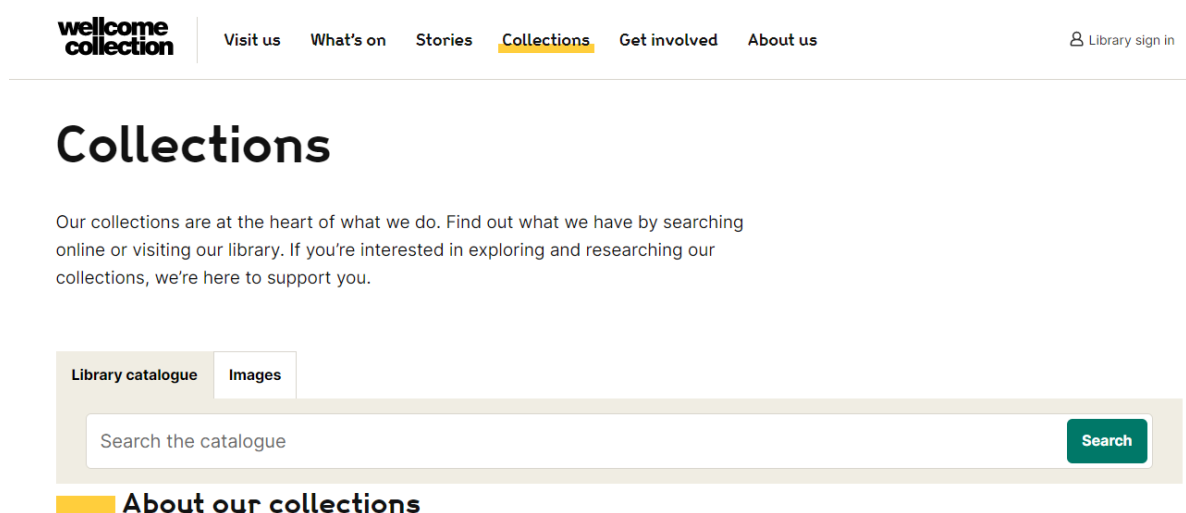


Figura 2. Página de acesso da Wellcome Collections. **Fonte:** Extraído digitalmente do site (2022). Disponível em: <<https://wellcomecollection.org/collections>>. Acesso em: 11 de jun. 2022.

Por meio dessa apreensão material e arquivística, pode-se pensar ainda nas dimensões conteudistas, retóricas, mercadológicas, estilísticas e tipográficas que perpassavam pela construção de tais documentos - indo além de uma simples análise da produção impressa (HALASZ, 1977). Ao se atentar para isso, delimita-se sobre como a produção escrita não estava deslocada de uma dada realidade cultural, de tal modo a se alinhar às próprias discussões sobre a história moderna. Ou seja, ao lidar com esses documentos e tecer considerações acerca do seu arquivo, delimita-se como tais textos eram acessados e quais as justificativas de sua produção e conservação. Ao inquerir-se ainda das possibilidades de pesquisas a partir dos impressos efêmeros, uma série de questionamentos se

abrem ao historiador, fomentando espaço para o trato arquivístico e o balanço de produções humanas no seio comunitário inglês.

Em igual medida, ao valer-se da existência de arquivos dispondo de tais materiais, o historiador pode lançar discussões relativas à materialidade, ao formato, layout e tipo de papel dessas fontes históricas - ampliando os horizontes de compreensão acerca da produção e consumo de tais excertos. Assim, a análise material e textual dos textos instiga por si só um novo campo para o trato historiográfico, alargando-se em um mosaico interdisciplinar que permite uma melhor compreensão das reverberações da palavra escrita para um certo escopo social e das diferentes formas de edição, cópia, transcrição e impressão - tonificando, por fim, o peso de sujeitos e *práxis* nesse processo (MONTEIRO, 2021).

NO CAMINHO PARA O FIM: UM PONDERAR SOBRE A HISTÓRIA E OS ARQUIVOS

Em meio as questões aqui desbravadas, pensar os espaços arquivísticos e a produção cultural de dada sociedade desponta como um passo importante no estudo e na apreensão histórica. Conforme salientado por Marcia Almada (2020), urge-se uma necessidade de ir além do mero conteúdo textual - buscando uma análise capaz de evidenciar aspectos relativos à materialidade, às escolhas, aos sujeitos e às técnicas ali envolvidas. Com o arquivo também não é diferente. A exemplo da argumentação traçada no texto, delimita-se a centralidade de se refletir sobre os espaços arquivísticos e as ponderações que deles se exaltam. Como locais de poder, sublinha-se como os acervos retêm um dado discurso e alocam-se como férteis locais para a construção da história - ao passo em que também vocacionam uma dada autoridade e permeiam a história de possibilidades e de limitações.

Assim, o essencial é que se entenda que o próprio processo de criação de arquivos e de narrativas históricas não pode ser descolado de uma dada realidade temporal e espacial (BELLINGRADT; NELLES, 2017). Ao considerar tais aspectos, salienta-se a importância dos arquivos e do trato documental para a reflexão das vivências humanas - alocando as fontes como a base do arsenal de memórias, simbologias, imaginários e gestos humanos (MENESES, 2011). Nesse processo, consagra-se, por fim, um peso ao arquivo como produtor de sentidos e como construções históricas que são imprimidas de uma ação humana.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, D. de. Raros e rotos, restos, rastros e rostos: os arquivos e documentos como condição de possibilidade do discurso historiográfico. *Artcultura*, Uberlândia, Vol.15, nº.26, jan.-jun/2013; p. 07-28

ALMADA, M. Introdução: considerações sobre a materialidade da escrita e as três camadas de informação. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, Vol.28, 2020, p. 01-13.

- ASSMANN, A. *O sabor do arquivo*. Trad. Paulo Soethe. Campinas: Ed. Unicamp. 2011.
- BARBOSA, N. Muquifu - negras e negros em um pensamento museal. In: COAN, S; SILVA, M. L. da e BRAGA, J. L. M. *Museus, práticas museais e comunidades*. Belo Horizonte, 2021. p. 15-24.
- BELLINGRADT, D.; NELLES, P. Introduction - Books and Book History in Motion: Materiality, Sociality and Spatiality. In: BELLINGRADT, D.; NELLES, P.; SALMAN, J. *Books in Motion in Early Modern Europe: Beyond Production, Circulation and Consumption*. Palgrave Macmillan. 2017. p. 01-14.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 6ªed. São Paulo: Perspectiva. 2007.
- BURKE, P. *O que é uma História Cultural?* – Tradução: Sérgio Goes de Paula. 2ªed. São Paulo: Zahar, 2014.
- CARDOSO, C. F. *Uma introdução à História*. 3ªed. Rio de Janeiro: Brasiliense. 1983
- _____, C. F. *Narrativa, Sentido, História*. São Paulo: Papirus Editora, 1997.
- _____, C. F. *Um historiador fala de Teoria e Metodologia - Ensaios*. São Paulo: EDUSC, 2005.
- CERTEAU, M. de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 2017. p. 45-111.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. 11 (5); 1991. p. 173-191.
- _____, R. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manoela Galhardo. 2ªed. Rio de Janeiro: Memória e sociedade. 2002.
- DASTON, L. *Historicidade e objetividade*. 1ªed. Seleção e organização de Tiago Santos. São Paulo: LiberArs, 2017.
- DERRIDA, J. *Mal de Arquivo - Uma impressão freudiana*. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará; 2001.
- FARGE, A. *O sabor do Arquivo*. Tradução de Fatima Murad. São Paulo: EDUSP, 2009.
- FOUCAULT, M. *A Arqueologia do saber*. 7ªed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008
- GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A interpretação das culturas*. 1.ed. - [Reimpr.]. - Rio de Janeiro: LTC, 2015. p. 15-54.
- GOULEMOT, J. M. Leitura como produção de sentido. In: CHARTIER, Roger. *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade. 2001. p. 107-116.
- HALASZ, A. *The marketplace of print: Pamphlets and the public sphere in early modern England*. Cambridge University Press, New York. 1977.
- HARTMAN, S. Vênus em dois atos. *Dossiê Crise, Feminismo e Comunicação* - <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/> - Vol.23, n.3, 2020, p. 12-33.
- JABLONKA, I. *A história é uma literatura contemporânea*. Manifesto pelas ciências sociais. Trad. Verónica Galíndez. Brasília: UnB, 2020. p. 11-36.

- LIEBEL, S. "Os *canards* e a literatura de rua na França moderna (séculos XVI e XVII)". In: RODRIGUES, R. (org.). *Possibilidades de Pesquisa em História*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 11-30.
- LIMA, V. C. "Uma narrativa da Revolução Inglesa por meio de seus impressos: George Thomason e sua Coleção (1640-1660)". In: *Anais da XIX Semana de História da UNESP*. Franca: UNESP. 2014. p. 102-115.
- LOPES, M. A. *Ars Historica no Antigo Regime: a História antes da Historiografia*. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol.24, n.40, 2008, p. 633-656.
- MARTIN, R. *Women, Murder, and Equity in Early Modern England*. Taylor & Francis. Reino Unido: Routledge. 2008
- MEGIANI, A. P. Escritos breves para circular, relações, notícias e avisos durante a Alta Idade Moderna (Sécs. XV-XVII). *Varia Historia*, Belo Horizonte, Vol.35, nº.68, mai./ago. 2019, p. 535-563.
- MENESES, J. N. Apresentação: dossiê elementos materiais da cultura e patrimônio. *Varia Historia*, Vol.27, nº.46, 2011, p. 397-404.
- MONTEIRO, R. B. Mosaico de trás para frente. *Topoi (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 47, maio/ago. 2021, p. 576-5.
- PESAVENTO, S. Cultura e Representações, uma trajetória. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, jan./dez. 2006; p. 45-58.
- POMIAN, K. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi: Memória-História*. Volume 01. Imprensa Nacional. 1984; p. 51-86.
- SETH, S. "Razão ou Raciocínio? Clio ou Shiva?". *História da historiografia*. Ouro preto. nº.11; Abril, 2013; p.173-189.
- SHEPARD, L. *The History of Street Literature – The story of Broadside Ballads, Chapbooks, Proclamations, News-Sheets, Election Bills, Tracts, Pamphlets, Cocks, Catchpennies, and other Ephemera*. David & Charles; Newton Abbot. 1973.
- SOIHET, R. História das Mulheres. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (org.). *Domínios da História – Ensaios de Teoria e Metodologia*. 5ªed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997, p. 344-370.
- SPUFFORD, M. *Small Books and Pleasant Histories – Popular Fiction and its Readership in Seventeenth-Century England*. Cambridge University Press; London. 1981.
- SUHR, C. *Publishing for the masses – Early Modern English Witchcraft Pamphlets*. Helsinki ; Société Néophilologique; Tome LXXXIII. 2011.
- TAYLOR, J. *The world turn'd upside down: or, A briefe description of the ridiculous fashions of these distracted times*. Londres: Wellcome Library: Early English Books Online, 1647.
- VAINFAS, R. História das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (org.). *Domínios da História – Ensaios de Teoria e Metodologia*. 5ªed. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997, p. 161-205.
- WELLCOME COLLECTIONS SITE - Página de acesso do site online - Disponível em: <https://wellcomecollection.org/collections> - (Acesso em: 11/06/2022).